

**O ENSINO DA LITERATURA
EM UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA**

Kayron Kaic da Silva Sousa (UEMASUL)

kayronnkaic@gmail.com

Gabriel Alves da Silva (UEMASUL)

gabralviz@gmail.com

Inácia Neta Brilhante de Sousa (UEMASUL)

profinacia@hotmail.com

RESUMO

O ensino da literatura no âmbito escolar é uma tarefa que precisa utilizar de diferentes abordagens, visando a que os discentes adentrem ao mundo literário, estimulando-os a mergulhar no universo imaginário da leitura. Uma dessas abordagens, ainda pouco conhecida e utilizada, no processo de letramento literário, é a da Sociolinguística, que busca um olhar sobre aquilo que concerne à concepção social da língua falada, considerando as variações linguísticas nas diferentes regiões de um país. Nesse sentido, o artigo tem o objetivo de apresentar a contribuição da Sociolinguística para o ensino da literatura. Associar, pois, a Sociolinguística ao ensino de literatura é relevante para o processo de leitura a partir de obras regionalistas, para adentrar ao mundo literário e à formação do imaginário. Na perspectiva sociolinguística, não se concebe que há o modo mais correto de falar em detrimento a outro. Por isso, a leitura de obras de regiões do Brasil torna-se relevante, explorando seus potenciais sociais a partir da construção da fala das personagens. A metodologia utilizada para a elaboração do trabalho, fundamenta-se em levantamento bibliográfico de cunho descritivo exploratório, com a explanação de teóricos que abordam acerca da Sociolinguística, bem como a apresentação de algumas obras relevantes para se trabalhar nessa perspectiva.

Palavras-chave:

Ensino. Literatura. Sociolinguística.

ABSTRACT

The literature's teaching at school is a task that needs to use different approaches, with the objective that the students can enter to the literary world, stimulating them to being immersed in the reading's imaginary universe. One of these approaches, still little known and used, in the process of literary literacy, is the Sociolinguistics that seeks a look about what concerns to the social conception of the spoken language, considering the linguistics variations in the different regions of a country. In this context, the article has the objective to present the sociolinguistics' contributions to literature teaching. Therefore, in order to get in on the literary world and the education of the thinking, it is relevant to attach Sociolinguistic to literature teaching for the reading process, from regionalists literary works. In Sociolinguistic vision, something is never more right than other one. That is why the reading of literary works from different regions of Brazil becomes pertinent, because they have their social capacity, which is found from

character's speech creating. Methodologically, it takes bibliographic search as a basis, with sociolinguists and their theories combined to that, as well as the presentation of some relevant literary works for applying in this perspective.

Keywords:
Literature. Sociolinguistic. Teaching.

1. Introdução

A literatura, enquanto representação da realidade social, é um instrumento de registro da história que, muitas vezes, é trabalhada em sala de aula de forma que chega a ser negligente e sem profundidade, fazendo com que o aluno, que já possui dificuldade com leitura e interpretação de texto – uma realidade muito presente no país –, crie ainda mais resistência e aversão aos estudos literários.

Ademais, consonante aos estudos feitos por Zilberman (2008), Galvão e Silva (2017) e Cosson (2014), o ensino de literatura na educação brasileira perpassa por muitas discrepâncias, que só acentuam a dificuldade vivenciada pelos estudantes com a leitura e a interpretação. Vale mencionar algumas dessas discrepâncias abordadas neste trabalho, quais sejam: a utilização, equivocada, da literatura, como meio para que se estude gramática, bem como somente a valorização dos conteúdos e obras literárias concernentes aos vestibulares. Isso contribui para que seja tão ínfima a apreciação e o deleite dessa arte.

Contudo, há abordagens que visam melhorar o ensino de literatura. Cômsona a isso, apresenta-se a Sociolinguística, enquanto teoria a ser considerada nos estudos pertinentes à Literatura, que aborda, nos textos literários, os elementos textuais inseridos em seu contexto social, considerando a idade, a formação escolar, questões estéticas de escolha das palavras e frases, a região a qual o falante está inserido etc. Entretanto, ela não leva em conta tudo isso para caracterizar as construções oracionais como certas e erradas, ou melhores e piores, porém as considera importante em suas particularidades.

Destarte, o trabalho tratará de pontos de união do ensino de literatura, desprendendo-a das visões do ensino de gramática etc., com a Sociolinguística, buscando observar as contribuições encontradas em obras literárias regionais para a composição de um novo ensino, que contemple a real função da Literatura. Assim, serão apresentados elementos regionais, apoiados pela Sociolinguística, encontrados em quatro obras literárias: *A hora da estrela*, *Quarto de despejo*; *diário de uma favelada*, *O*

tempo e o vento: O Continente e Morte e vida Severina. Antes disso, apresentar-se-á, a seguir, uma breve abordagem sobre a Sociolinguística.

2. Sociolinguística: histórico e preconceitos

Muitos brasileiros acreditam não falar “corretamente”, ou até mesmo acreditam que não falam o português. Ora, isso é perceptível no dia a dia das pessoas, principalmente daqueles que têm contato direto com inúmeras outras pessoas, completamente diferentes delas. E isso é natural do homem. Essa constante interação social e comunicação, seja por gestos ou pela língua falada. Mas o que não é plenamente natural é acreditar que não domina sua língua materna pelo fato de não falar como os “corretos” ou por não possuir aquela educação tão bem investida.

E são esses acontecimentos que permeiam a análise da Sociolinguística. Uma vez que, fazendo parte da Linguística pós-Saussure, ela possui uma delimitação de estudo, a língua, mas não se limita a essa, explora e alcança a fala, a língua falada, como afirma Travaglia (2005, s/p) em entrevista à Revista Eletrônica Letra Magna, “Às vezes [...] usavam ocorrências da língua falada como material para chegar ao sistema linguístico, mas não buscavam uma descrição da língua falada [...]”. Assim, a Sociolinguística possui esse campo mais social da língua, contrapondo à língua escrita.

Ademais, nesse ponto, à Linguística Social conseguiu mostrar, principalmente com Labov, bem como com muitos outros teóricos: Bakhtin, Marr e Meillet, que todas as formas de se apropriar da língua materna do falante, concretizando-a por meio da fala, eram válidas.

Dessa maneira, como afirma Coelho *et al.* (2012, p. 16), sobre o que a sociolinguística contrapunha na Linguística Gerativista e Estruturalista é que estas duas “[...] deixam de lado as possíveis influências externas (históricas, sociais, ideológicas etc.) a estrutura linguística, assumindo uma perspectiva pela qual as regras e relações internas dos componentes da gramática são suficientes para uma descrição adequada do objeto”, ou seja, ela surge com Labov como reação aos movimentos anteriores relacionados à forma de conceber a língua.

Necessário é explicar porque Labov é tão importante nessa perspectiva. Primeiro, porque ele se apropria dos pensamentos dos teóricos, sobretudo, de Meillet, que acreditava que a Linguagem, sendo essencialmente social, estava passível a sofrer variações e estas se davam pelas

mudanças sociais. O segundo elemento fundamental, é que a língua falada com todas as suas variações mostrava, de certa forma, a identidade dos seus usuários. Assim, sobre essa visão, a qual é uma herança de Bakhtin, Coelho *et al.* (2012, p. 16) afirma que ela “renova a perspectiva de que a língua é um fenômeno social cuja natureza é ideológica”, portanto, passível de mudanças por fatores externos que são a identidade do povo.

À vista disso, seus trabalhos, com o grupo de pesquisa da Pensilvânia com os estudos das variações do Inglês, foram se espalhando pelo mundo inteiro, ao ponto de também chegar ao Brasil. Sobre isso, há alguns pontos de vistas que são preciosos para o estudo.

A respeito de uma das formas como isso ocorreu, Coelho *et al.* (2012, p. 23) afirma que os estudos da teoria de Labov sobre as Mudanças Linguísticas deram início na UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1970 pelo professor Anthony Naro.

Ainda sobre a pessoa de Naro, Freitag (2016) conta que certo dia falando sobre o MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização, que tinha por objetivo a educação de jovens e adultos,

[...] Naro disse que sabia o que fazer, pois tinha assistido anteriormente a uma palestra de Labov, em Chicago; entrou então em contato com ele, que indicou Gregory Guy, que veio ao Brasil realizar coleta de dados e trazer os programas computacionais para o projeto. E assim a sociolinguística variacionista se torna uma linha de pesquisa no Brasil. Não foi algo planejado; foi, segundo Naro, um “conjunto de circunstâncias” (e interesses) que levou a este empreendimento. (FREITAG, 2016, p. 452)

Portanto, a partir da iniciativa de Naro com o auxílio de Guy, a sociolinguística variacionista consolidou-se na terra brasileira estudos e mais estudos, como os do grupo de pesquisa do estado de Santa Catarina, como relata Coelho *et al.* (2012, p. 23): “Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), que conta com um banco de dados de fala de informantes da Região Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) do país, para o desenvolvimento de pesquisas sociolinguísticas.”, e muitos outros estudos, como o de 1987, Gramática do Português Falado (PGPF), grupo que Travaglia fez parte.

Destarte, os impactos causados pelos conhecimentos provenientes da Sociolinguística trouxeram à tona a percepção de que algo precisava mudar na forma de ver a língua falada com relação à modalidade escrita, pois como se sabe, consoante a Bagno (2007, p. 69), a educação era baseada no livro de gramática prescritiva: “A tendência atual, mencionada

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

no início deste livro, à crítica dos preconceitos e ao exercício da tolerância tem tornado o ambiente escolar bastante mais respirável e democrático do que, por exemplo, na época em que estudei, em plena ditadura militar”, aqui o autor ao referir a “mais respirável e democrático”, refere-se aos avanços que a Linguística Social possibilitou.

Isso é possível observar, pois o Ministério da Educação (1998, p. 31), com os Parâmetros Curriculares Nacionais deixa crer que os movimentos de ensino e visão perante as variações linguísticas no país são relevantes e passíveis à educação, isso pode ser notado quando lê-se no PCN acerca do valor atribuído às variedades linguísticas em relação à gramática normativa:

[...] muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. [...] Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma “correta” de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, o de que a fala “correta” é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas crenças insustentáveis produziram uma prática de mutilação cultural [...].

Valioso é comentar que, mesmo sendo antigo, o documento citado acima torna-se atual por aquilo que traz, visto ser essa ainda a realidade do país. Ou até mesmo na escola quando o aluno é obrigado a reprimir os seus conhecimentos inerentes a forma de conceber a língua, como gramática interna, para assimilar a gramática que o livro didático traz, acreditando que somente esta é relevante.

Até mesmo o professor, sabedor das diferenças linguísticas dentro do país, sejam elas diatópicas, diastráticas ou estilísticas, acaba por aplicar, por meio de metodologias, a gramática normativa como a única correta, como a única a ser seguida em detrimento a outras.

Esses preconceitos, embora, vistos como algo “normal” e até mesmo moral, encobrem mitos que Bagno (2007, p. 70) trabalha muito bem em sua obra “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz” e aqui um desses mitos que abrange muitas áreas da educação é a de que o brasileiro não sabe o português, ou que é muito difícil de se aprender. Essas ideias não só deixam reprimidos ou medrosos quanto ao uso de sua língua, os usuários de sua língua materna, mas também de não procurarem saber mais de sua língua e das variações que ela comporta.

Sobre os preconceitos linguísticos, Bagno (2007, p. 9) afirma “O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa.”, ou seja, foi algo criado com o tempo que optou por dizer que a gramática dos livros didáticos é o certo e tudo aquilo fora disso não é nem língua.

O que tem melhorado muito essa realidade são as novas ações das escolas, as quais passaram a visar às variações e ensinando a norma como algo a ser adaptável, dependendo do contexto. E além do mais, esse novo modelo de ensinar, baseando nas variações e respeito a elas, forma cidadãos preparados para serem humanos e conviverem em sociedade de forma mutualística.

3. O ensino de Literatura no Brasil

A literatura é muito mais do que ler uma obra de um autor qualquer para entreter-se enquanto o tempo passa, ela é muito mais que isso. A literatura é uma representação da sociedade, pois, por ela é possível enxergar as realidades existentes. Assim, os problemas já iniciam aí, pois, muitas vezes os discentes lidam com essa ciência sem ter consciência do papel que os textos literários assumem. Os alunos acessam a Literatura de forma automática, sem aprofundamento e, por vezes, aquilo que deveria ser um estímulo ao hábito da leitura, torna-se um catalisador para que o corpo discente tenha ainda mais aversão a esse riquíssimo hábito.

Com o fito de estabelecer um controle e normas para o Ensino Médio (EM), em 1996 foi publicada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB/96 – a qual conferia ao Estado a gestão do Ensino Médio. A partir disso, houve a preocupação em regularizar o sistema que deveria funcionar, a partir de alguns documentos mencionados por Fortes e Oliveira (2015, p. 282):

No que diz respeito a esses documentos em nível federal, foram criados três principais: os Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio PCNEM (1999), os Parâmetros Curriculares Nacionais+: Ensino Médio – Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (2002): PCN+ e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006): OCN. (FORTES; OLIVEIRA, 2015, p. 282)

Em 2000, foi lançado o documento que regulariza como se deve ser realizado o ensino na área de Linguagens, códigos e suas tecnologias, a qual encerra em si a Literatura, no entanto, apesar da tentativa de organizar o ensino de linguagens, códigos e suas tecnologias, muitas foram as

críticas feitas à forma pela qual foi optada fazer as divisões concernentes à língua e literatura. Sobre tal crítica, Fortes e Oliveira (2015, p. 284) pontuam que “os PCNEM lançam uma proposta de que o ensino de literatura, gramática e produção de textos devem ser trabalhados de forma conjunta com a finalidade de auxiliar o ensino a partir de uma aula reflexiva”, assim, é algo que negligencia as especificidades da literatura, gramática e produção textual.

Tal situação faz com que a literatura seja reduzida a mero mecanismo para se explicar conteúdos que competem ao ensino gramatical, conforme aponta Fortes e Oliveira (2015, p. 285-6): “Percebe-se que não há uma preocupação em ensinar literatura e sim comunicação. As situações de sala de aula têm como foco apenas a comunicação e o texto literário pode servir como pretexto ao ensino de língua portuguesa”. Com essa consideração é possível depreender o papel secundário exercido pela literatura que, mesmo representando a realidade da sociedade, servia apenas para exemplificar um conceito que tratava como correto apenas o uso formal da língua portuguesa brasileira.

Com o fito de aprimorar as deficiências que foram ressaltadas, no que diz respeito ao ensino de literatura, foi criada a PCN+ (BRASIL, 2002, p. 19 *apud* FORTES; OLIVEIRA, 2015, p. 290), em relação à vinculação do ensino de literatura à área de linguagens, códigos e tecnologias, a mesma ressalta que:

A Literatura, particularmente, além de sua específica constituição estética, é um campo riquíssimo para investigações históricas realizadas pelos estudantes, estimulados e orientados pelo professor, permitindo reencontrar o mundo sob a ótica do escritor de cada época e contexto cultural [...] Esse exercício com a literatura pode ser acompanhado de outros, com as artes plásticas ou a música, investigando as muitas linguagens de cada período. Alguns alunos poderão pesquisar, em romances ou em pinturas, a história dos esportes, dos transportes, das comunicações, dos recursos energéticos, da medicina, dos hábitos alimentares, dos costumes familiares, das organizações políticas.

É perceptível observar que, enquanto no PCNEM a literatura não possuía uma função definida e nem um conceito dentro do ensino, agora, por sua vez, ela é apresentada na forma de como deve ser trabalhada dentro de sala pelos docentes, com exemplificações e, até mesmo, métodos de como as obras literárias devem ser abordadas. Desse modo, Fortes e Oliveira (2015, p. 290-1), esclarecem que, outrora a literatura era abordada sob o pretexto do ensino de gramática, agora a ela tinha sua abordagem sob o pretexto de se trabalhar a história, ou seja, para a PCN+, a lite-

ratura tinha de servir às outras disciplinas e não a ela mesma.

Todas essas modificações e, ainda assim, deficiências quanto ao ensino literário no Brasil, geraram o que muitos autores apontam como crise do ensino de literatura. Acerca disso, Zilberman (2008 *apud* GALVÃO; SILVA, 2017) afirma que essa crise:

[...] ocorre por conta de que este [o ensino de literatura] perdeu a eficácia pedagógica pretendida pela classe burguesa, em decorrência do projeto educacional elaborado nas últimas décadas do século XX, o qual pensava a escola como instituição formadora de mão de obra para abastecer novos postos de trabalho decorrentes do processo de industrialização. (GALVÃO; SILVA, 2017, p. 210)

Em outros termos, Zilberman define que o motivo de tal crise se deu pelo fato de que os projetos educacionais pedagógicos construídos nos últimos tempos eram defectivos e isso ocorria porque a escola era tida apenas como um local que se formavam profissionais que posteriormente preencheriam as vagas ociosas das grandes indústrias. Atualmente, apesar da visível evolução do ensino de literatura, ainda há muita carência em cumpri-lo com fidelidade. O autor Leahy-Dios (2004 *apud* GALVÃO; SILVA, 2017, p. 211) expõe uma realidade que é muito presente nas escolas espalhadas pelo Brasil. O referido autor critica quando o docente identifica a ligação direta do conteúdo de literatura a ser trabalhado em sala de aula com os conteúdos exigidos nos exames vestibulares, fazendo com que se reduza ao estudo de datas, nomes de obras e autores e suas características.

Hodiernamente, existe a crise no aprendizado de literatura e isso se deve por todos os fatores citados anteriormente, mas também, pela elitização da língua. Há na sociedade a valorização do “bom falar” que quer dizer, falar conforme a norma padrão da gramática e isso é levado para dentro das salas de aula, fazendo com que, muitas vezes, por não estar habituado com a linguagem, o discente não a pratique.

4. Análises Sociolinguísticas das obras literárias

Para bem notar o quanto a Sociolinguística, enquanto abordagem científica, pode ser utilizada para se contemplar a literatura e fazer com que os alunos desenvolvam a habilidade de estabelecer conexões de conhecimentos apresentados nas obras literárias com as realidades diversas das variações linguísticas dentro do seu estado e país, o presente ensaio apresentará a seguir, fragmentos de quatro obras, as quais apresentam va-

riações linguísticas significativas.

Serão analisadas as obras: “Morte e vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, “O tempo e o vento” [parte 1] – O Continente (volume 1), escrita por Érico Veríssimo, “A hora da estrela”, de Clarice Lispector e “Quarto de despejo: Diário de uma favelada”, escrito por Carolina Maria de Jesus.

As palavras receberam a análise dos seus significados ora pelos pesquisadores, ora a partir do minidicionário de Gama Kury (2002), e quando por esse terá sua página referenciada, e pelos dicionários *on-line*:

Acerca da obra de João Cabral, foram encontrados alguns trechos, como:

- “— E era grande sua lavoura, irmãos das almas, lavoura de muitas covas, tão cobiçada?” [p. 04]. Nesse caso a palavra covas possui o significado, (p. 279), abertura que se faz na terra para plantar um vegetal ou semente.
- “Sei que há simples arruados, sei que há vilas pequeninas” [p. 06]. A palavra arruados se refere à pequena povoação ou povoado à beira de uma estrada. (p.84).
- “— Conheço todas as roças que nesta chã podem dar; o algodão, a mamona, a pita, o milho, o caroá.” [p. 09]. A palavra chã no nordeste (p. 203) conhecida por significar terreno plano. E caroá também conhecida das regiões da caatinga no nordeste, é uma planta típica da região. (Dicionário Online)
- “[...] farmacêuticos, coveiros, doutor de anel no anular, remando contra a corrente da gente que baixa ao mar” [p. 11]. A expressão doutor de anel no anular denomina, junto com os outros citados, as pessoas que vem das grandes cidades para tratar os doentes, o referido “doutor de anel no anular” pode ser entendido como os médicos. (Significação nossa)
- “Cacimbas por todo lado; cavando o chão, água mina” [p. 12]. No nordeste, a palavra cacimba recebe o significado de esca-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

vação em local baixo e úmido ou em leito seco de rio, para recolher água. (p. 155)

- “Assiste ao enterro de um trabalhador de eito” [p. 12]. No caso aqui a palavra analisada é eito que significa (p. 372) uma limpeza feita numa plantação à enxada.
- “— Não levas rebolo de cana: és o rebolo, e não de caiana.” [p. 14]. Aqui a palavra rebolo, pode tanto significar cana com dois ou mais brotos usadas para plantio, como pode ser pedaço de pedra usada para arremessar como projétil. (Dicionário Online)
- “[...] e no tempo antigo, dos bangüezeiros (hoje estes se enterram em carneiros);” [p. 17]. Aqui, no caso, a palavra é banguezeiros significa aquele que é proprietário de um banguê. (Priberam)
- “— E esse povo de lá de riba de Pernambuco, da Paraíba” [p. 19]. Nesse outro caso, a expressão “lá de riba” demonstra um vocabulário comum do nordestino que se utiliza dessa expressão para explicar que algo vem de cima ou está acima. (Significação nossa)
- “[...] sabes me dizer se o rio a esta altura dá vau?” [p. 21]. Nessa frase destaca-se a palavra vau que se refere (p. 1125) a um trecho de rio ou mar que é pouco funda.
- “[...] não sabeis que vosso filho saltou para dentro da vida?” [p. 23] A expressão que significa o nascimento de um bebê, poderia ter sido reescrito com muitos outros termos. (Significação nossa)
- “[...] é um menino guenzo como todos os desses mangues [...]” [p. 26]. Guenzo, no nordeste principalmente, significa aquele ou aquilo que é magro ou doente. (Dicionário Online)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Partindo, agora, para a obra escrita por Érico Veríssimo, foram analisados:

- “Espera, poltrão!” [p. 16]. A palavra poltrão significa (p. 850) medroso, covarde.
- “— Um trago? — perguntou o outro, passando-lhe a garrafa de cachaça.” [p. 16]. Trago, diferente de outras regiões, não é o mesmo que o do verbo tragar relacionado a fumar. Aqui, significa beber, ficar bêbado. (Dicionário Online)
- “— Gracias. — Tome outro.” [p. 17]. O uso de Gracias é possível explicar pela história da região que por muito tempo teve influência espanhola.
- “— Tome mais um mate, compadre...” [p. 17]. A palavra “mate” muito usual na região, uma das razões é o chá que se prepara com essas folhas. (Dicionário Online)
- “A vila está que nem tapera” [p. 18]. A palavra tapera é um termo derivado do indígena, mas utilizado na região, uma vez que o sul sofrera também influência dos povos indígenas. E isso significa habitação, fazenda, aldeia abandonada. (p. 1055)
- “[...] e depois seguiu pachorrentamente seu caminho [...]” [p. 18]. A palavra pachorrentamente tem a significação de à modo lento, vagaroso. (p. 775)
- “Barbaridade!” [p. 20]. Algo muito chocante e violento. (Dicionário online)
- “— Vassuncê é o dono da casa...” [p. 24]. Vassuncê, forma arcaica da palavra você, utilizada na região àquela época. (Dicionário Online)
- “— Vais te machucar...” [p. 29]. Construção da estrutura com o uso de “vais” ou invés de “vai”.

- “Alonzo franziu o sobrolho.” [p. 35]. O uso de sobrolho ao invés de sobrançelha.
- “um tigre que atacava os terneiros da estância;” [p. 42]. As palavras terneiros é de grande valia à análise, pois são termos muito citados durante todo o texto. Terneiro é o mesmo que bezerro. (Dicionário online)
- “(Talvez um dia conseguisse até prender numa guampa a teiniaguá, a lagartixa encantada!)” [p. 47]. A palavra guampa aqui se refere ao chifre de boi. (p. 539)
- “[...] no seu uniforme de guerreiro de Espanha, pistolas e espada na cintura, cavalgando seu belo ginete...”. [p. 49]. A última palavra ginete, no Sul do Brasil, se refere ao cavalo de boa raça. (p. 526)
- “[...] um homem estendido junto da sanga, a umas cinco braças de onde se encontrava.” [p. 73]. Aqui a palavra sanga possui o mesmo significado de uma escavação produzida ou pela chuva ou pelas águas subterrâneas. (Dicionário online)
- “— Como é o nome de vosmecê?” [p. 76]. Outra variante arcaica do pronome de tratamento você. (Dicionário Online)
- “— Um dia essa castelhanada ainda nos paga. Deixe estar...” [p. 116]. O neologismo aqui castelhanada designa o grupo dos espanhóis que viviam na região, seu uso deve-se ao histórico de fundação da região. (Dicionário Online)
- “— Qual nada! É até um rapagão mui guapo” [p. 153]. Guapo é uma gíria da região que se refere a homens valentões, bonitos. (Dicionário Online)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- “Além disso, passara fome ou estragara o estômago comendo carne podre e charque bichado.” [p. 158]. Aqui o vocábulo bichado significa algo podre, estragado. (Dicionário Online)
- “Aos domingos corria com eles carreiras em cancha reta.” [p. 173]. Cancha é o vocábulo analisado aqui e se refere a um local para jogar, como um campo. (Dicionário Online)
- “[...] cansados de brigar, eles se deitavam, alguns com suas chinás.” [p. 182]. Aqui a palavra china recebe um significado, totalmente diferente do habitual, de mulher de vida fácil. (Dicionário Online)
- “— Só um pouquinho, minha prenda — disse ele, e seus lábios úmidos e frescos passaram pelo pescoço da mulher.” [p. 203]. Prenda significa, quase que pejorativamente, a mulher de um gaúcho. (Dicionário Online)
- “— O capitão está sesteando.” [p. 219]. Sestear é um verbo que é o mesmo de deitar, dormir depois do almoço. (Dicionário Online)

Quanto à análise feita em “A hora da estrela”, foram encontradas as seguintes observações: nessa obra o leitor/discente encontrará a dualidade de linguagens que é presente nas narrações feitas por Rodrigo, que procura escrever com linguagem rebuscada e seguindo a norma dita “padrão” da língua portuguesa brasileira e nas falas de Macabéa e de Olímpico, que trazem consigo as marcas do regionalismo alagoano. Essa diferença de linguagens fica bem evidente quando Rodrigo diz: “No espelho distraidamente examinou de perto as manchas no rosto. Em Alagoas chamavam-se ‘panos’, diziam que vinham do figado” (p. 27). Aqui, é possível observar como um mesmo símbolo pode obter mais de uma forma de ser chamado, dependendo da região.

Em determinado momento da história, Olímpico, quando queria convidar Macabéa para passear e não sabia seu nome, fala: “E me desculpe, senhorinha, posso convidar-lhe a passear?” (p. 43). Aqui, a personagem utiliza o termo “senhorinha” para se referir a uma moça a qual ele não sabe o nome. Ao passo que, para perguntar-lhe seu nome, utiliza a

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

seguinte frase: “E, se me permitindo, qual é mesmo a sua graça?” (p. 23), trocando o termo “se me permite” por “se me permitindo” e “qual é o seu nome?” por “qual é a sua graça”.

Outra característica desse regionalismo pode ser notada quando Rodrigo, o narrador, pontua que “Olimpico não tinha vergonha, era o que se chamava no Nordeste de ‘cabra safado’” (p.46). Nesse trecho, observa-se um termo utilizado na região nordeste do Brasil o qual designa um homem que não tem pudor e que faz serviços ilícitos para conseguir dinheiro. Além disso, é possível contemplar, nas falas da personagem Macabéa, as crenças populares do povo nordestino quando a ela fala “Cuidado com suas preocupações, dizem que dá ferida no estômago” (p. 49). Desse modo, atribui-se uma causa para as doenças estomacais.

É possível ainda observar outras expressões características desse regionalismo de Macabéa e Olimpico, as quais são:

- “Saber disso é coisa de fresco” (p. 50). A palavra “fresco” substitui o termo “homossexual”.
- “Voz de cana rachada” (p. 51), Expressão utilizada para expressar que o outro canta ruim.
- “O que quer dizer ‘élgebra’?” (p. 50). A palavra em destaque nesse excerto é escrita, segundo a norma padrão, como “álgebra”, no entanto, Macabéa a utiliza da forma como escuta falam em sua terra natal.
- “– Depois que minha santa mãe morreu, nada mais me prendia na Paraíba. – Do que é que ela morreu? – De nada. Acabou-se a saúde dela.” (p. 52). Nesse excerto, Olimpico explica, com suas palavras, que a morte de sua mãe se deu de causas naturais.
- “Você tem cara de quem comeu e não gostou” (p. 52). Expressão utilizada para dizer que a pessoa não gostou de algo ou que não está bem (Dicionário Online).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- “Não, não, os outros olham e vão maldar” (p. 52). O termo “maldar”, aqui utilizado, significa Fazer mau juízo, maliciar (Dicionário Online).
- “É, dessa vaca não sai leite” (p. 52). Expressão utilizada por Olímpico quando ele perde suas esperanças sobre conseguir avançar no relacionamento com Macabéa.

Sobre o livro *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, foram observadas as seguintes:

- “Ablui as crianças, aleitei-as e ablui-me e aleitei-me” (p.11). Banhar e colocar para dormir (Dicionário Online). A escrita correta é “abluí”.
- “tem estômago de cimento armado” (p. 19). Expressão usada para falar de alguém que come qualquer coisa.
- “vi o zé povinho correndo” (p. 101). Expressão que designa multidão (Dicionário Online).
- “Muito inteligente. Mas não tem iducação” (p. 15). Escrito conforme se pronuncia.
- “Sai pra fora! Sai pra fora! Biscate vagabunda” (p. 76). A utilização da expressão “sai pra fora” a qual é dita durante uma briga e indica a oralidade da personagem.
- “Negra fidida!” (p. 97). Escrito conforme pronúncia da personagem.
- “disse-me que tomou só injeção contra o teto” (p. 110). Tomou injeção contra o tétano.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- “Dei-lhe uma sova” (p. 119). “Sova” é uma expressão utilizada para identificar que ela realizou a ação de bater em alguém.
- “Amarrei os sacos, pois as latas que catei no outro saco” (p. 17). O termo “pus” é escrito por Carolina da forma que ela escuta.
- “Meu vestido era amplo” (p.120). Aqui a escritora quer indicar que o seu vestido era um vestido grande, utilizando, assim, o termo “amplo”.
- “Usava o calão com o menino” (p. 123). O termo “calão” foi pregado em substituição ao termo “xingamento”.
- “Costumo vestir três palitó” (p.128). Novamente é possível observar as marcas da oralidade na escrita.
- “De manhã o padre veio dizer a missa” (p. 142). O termo “dizer” assume o sentido de “celebrar”.
- “Pudera! O medo de morrer de fome!” (p. 175). O termo “Pudera” é uma interjeição comum às pessoas de mais idade que significa “Não era pra menos” (Dicionário online).
- “E ficaram nesta lenga-lenga até as 2 da madrugada” (p. 178). A expressão “lenga-lenga” diz respeito ao que é demorado, fastidioso (Dicionário Online).
- “Hei de fazer jejum mental” (p. 180). Expressão utilizada para designar que a pessoa só pensará em coisas boas e não mais em coisas ruins ou erradas.

5. Considerações finais

Tendo em vista o que foi explanado, fica evidente que há sim uma

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

contribuição da Sociolinguística para o ensino da literatura e que, por meio da associação entre elas, pode-se potencializar uma leitura mais aprofundada das obras regionalistas e, assim, adentrar ao mundo literário e à formação do imaginário, valorizando os aspectos regionais.

Entende-se, também, que as variações regionais contidas nas obras, as quais foram objetos de estudo, permitiram vislumbrar a possibilidade de associar os conhecimentos que constituem a Sociolinguística às abordagens que contemplam os textos literários, enquanto conteúdo a ser trabalhado no ensino da literatura no Brasil, tendo como base a leitura e o estudo das obras que serviram de protótipo ao método e à formulação da proposta de aplicação dessa abordagem.

O ensino de literatura no país, conforme afirmação do próprio PCNEM (Brasil, 2000, p. 4), possui natureza indicativa e interpretativa, além de propor a interação, o diálogo e a construção de significados. Ou seja, as orientações contidas nesse documento não estão fechadas em si mesmas, mas abertas para serem trabalhadas da forma que seja conveniente e adaptada a cada realidade.

Constata-se, assim, a eficácia da abordagem proposta no que concerne à aplicabilidade dos conhecimentos da Sociolinguística às obras preestabelecidas, de modo que, a partir das análises aqui postas, comprova-se o cumprimento daquilo que se esperava alcançar; além de tornar possível o diálogo, a interpretação, a interação e a construção de significados no ensino de Literatura, conforme sugere o Plano Curricular Nacional do Ensino Médio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M., *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007. Disponível em: https://www.professorjailton.com.br/novo/biblioteca/preconceito_linguistico_marcos_bagno.pdf. Acesso em: 29 out 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEMTEC, 1998.

_____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; SOUZA, C. M. N. de.

Sociolinguística. UFSC. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012. 172 p. Disponível em: http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf. Acesso em: 28 out 2019.

FORTES, R. A. O ensino de literatura no Ensino Médio e os documentos oficiais. In: *Revista Contexto*. UFES. Vitória, n. 27, 2015/1. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/10424/7356>. Acesso em: Novembro de 2019.

FREDERICO, E. Y.; OSAKABE, A. Literatura. In: *Orientações Curriculares do Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEB/DPPEM, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/03Literatura.pdf>. Acesso em: Novembro de 2019.

FREITAG, R. M. K. Sociolinguística no/do Brasil. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, V. 58, n. 3, p. 445-60, 19 dez. 2016.

GALVÃO, A. L. M. & SILVA, A. C. O ensino de literatura no Brasil: desafios a superar em busca de práticas mais eficientes. In: *Letras & Letras*. Uberlândia, 33 (2), 209-228, 2017. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/51805/1/Galv%C3%A3o%20%26%20Silva%20%282017%29%2c%20Ensino%20de%20Literatura%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: Novembro de 2019.

JESUS, C. M. *Quarto de despejo* – diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

KURY, A. G. *Minidicionário Gama Kury da língua portuguesa*. supervisão Adriano da Gama Kury; org. Ubiratan Rosa, São Paulo. FTD, 2002.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUCCHESI, D. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). In: *Delta*, São Paulo, V. 17, n. 1, p. 97-130, 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_text&pid=S010244502001000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 Out 2019.

NETO, J. C. M. *Morte e vida severina; e, Outros poemas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

PORTUGUÊS, D. O. *Definições e significados de mais de 400 mil palavras*. Sem data, sem local. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 3 nov. 2019.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PRIBERAM, S.A. Consulte o significado/definição de banguzeiro. Sem data, Lisboa, Portugal. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Os avanços nos estudos de língua falada / Entrevista. In: *Revista Eletrônica Letra Magna*, São Paulo, V. 02, n. 02, p. 01- 08, 2005. ISSN/ISBN: 8075193. Disponível em: letramagna.com/travagliaentre.htm. Acesso em: 28 out 2019.

VERÍSSIMO, E. *O Tempo e o Vento* [parte 1]. O Continente volume 1. Porto Alegre: Companhia de Letras, 2004.